

Análise Sociológica do Discurso: Aproximação dos Elementos Epistemológicos, Metodológicos e Técnicos ao Campo Organizacional

Autoria: Christiane Kleinübing Godoi, Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho

O crescente interesse pelo discurso na investigação da realidade organizacional tem produzido uma propagação bibliográfica sobre a compreensão e a prática da análise do discurso. No campo organizacional brasileiro, estudos relevantes vêm sendo desenvolvidos principalmente por pesquisadores identificados como a abordagem da Análise Crítica do Discurso (ACD), por outro lado, a expansão literária é permeada por banalizações, erros básicos e “pseudo-análises”. Um dos obstáculos à utilização da análise do discurso nas organizações reside no envolvimento quase exclusivo do campo com a lingüística e o desconhecimento do trabalho dos sociólogos, capaz de oferecer possibilidades mais completas de aplicação e aproximação à realidade organizacional. A Análise Sociológica do Discurso (ASD) - tema desde ensaio -, vinculada à Tradição Espanhola de Pesquisa Social Qualitativa, e uma de suas escolhas mais habituais, sequer é mencionada, nos conhecidos manuais de métodos qualitativos e de análise do discurso, nacionais e internacionais, como uma dentre as dezenas de tradições e perspectivas do método. A ASD emergiu no início dos anos 1970, ainda durante a ditadura de Franco, constituindo um edifício teórico, capaz de gerar uma intensa reflexão sobre os problemas sociais, produzir um redirecionamento da investigação da linguagem para o “discurso social”, e passar a se constituir como o núcleo fundamental da pesquisa qualitativa na Espanha. Conduzida pela fenomenologia, etnologia e teoria crítica da sociedade, a ASD é uma análise pragmática que consiste na busca de um modelo de representação e compreensão do texto concreto em seu contexto social e histórico, desde a reconstrução dos interesses dos atores envolvidos no discurso. Estruturam-se as seguintes seções: a) análise das origens da ASD no interior das etapas da tradição espanhola de investigação social qualitativa, com destaque do papel de seus principais mentores; b) sistematização de elementos metodológico-epistêmicos elegidos como relevantes tanto à compreensão do método quanto a sua diferenciação (o que é a ASD e os níveis de análise compreendidos na abordagem; a noção de discurso da ASD; a noção de contexto com a qual trabalha a ASD; o debate com a Análise Crítica do Discurso); c) desenvolvimento dos elementos metodológico-técnicos da ASD, na medida de suas possibilidades de adaptação ao campo organizacional (os diversos trabalhos práticos iniciais; os procedimentos de interpretação; e os procedimentos de análise em ASD); e, por fim, d) alerta crítico aos riscos de pseudo-análise em ASD. No campo dos estudos organizacionais, o intercâmbio com as discussões do campo da sociologia pode permitir desmistificar a análise do discurso ao encontrar uma metodologia preocupada não com estilo internalista textual, ou com sua estrutura subjacente, mas com a atuação deste complexo fenômeno cognitivo e social chamado discurso. Este ensaio tem como finalidade última iniciar a delimitação do espaço da Análise Sociológica do Discurso no âmbito dos estudos organizacionais brasileiros.

1 Introdução

O crescente interesse pelo discurso na investigação da realidade social e organizacional tem produzido uma propagação bibliográfica sobre a compreensão e a prática da análise do discurso. No campo organizacional brasileiro, estudos relevantes vêm sendo desenvolvidos principalmente por pesquisadores identificados como a abordagem da Análise Crítica do Discurso (LACOMBE; TONELLI, 2001; MISOCZSKY, 2005; CARRIERI; PIMENTEL; CABRAL, 2005; SARAIVA; BAPTISTA, 2009; CARRIERI; SARAIVA; SOUZA-RICARDO, 2009; MURTA; SOUZA; CARRIERI, 2010; para mencionar alguns), sob influência, sobretudo, das obras de Foucault (2002), Bourdieu (2000), Maingueneau (1976), Pechêux (1990), Van Dijk (1998) e Hardy (2001). Por outro lado, a expansão literária sobre o tema é permeada não raramente por banalizações, erros básicos e diferentes tipos de “pseudo-análises” (ANTAKI *et al.*, 2003). Os estudos organizacionais brasileiros parecem ainda atormentados com a diversidade de abordagens constitutivas da análise do discurso, que reúne sob o mesmo nome desde práticas internalistas aquelas amplamente contextuais. Tais fragilidades acabam por reforçar a reivindicação dos linguístas sobre a exclusividade do método. Outro obstáculo à utilização da análise do discurso pelas ciências sociais, demonstrado por Alonso (2002), reside no fato de a própria sociolinguística priorizar problemas estritamente linguísticos em detrimento dos temas realmente sociológicos, à revelia da intensa aproximação realizada por Bourdieu (2000) entre os dois campos.

Dentre as tradições de análise do discurso mais conhecidas e utilizadas no Brasil estão a francesa e a anglo-saxã. No entanto, a busca da conexão do discurso com a realidade organizacional impõe o conhecimento das práticas sociológicas do discurso constituídas a partir da adoção e adaptação pelos sociólogos. Tais práticas sociológicas são originárias de outras ciências sociais além da linguística: a etnografia, a antropologia, a psicologia, para mencionar algumas. É preciso reconhecer a possibilidade de encontrar no trabalho dos sociólogos maior aplicabilidade e oportunidade de aproximação ao campo organizacional do que aquele desenvolvido por linguístas.

Vinculada à Tradição Espanhola de Investigação Social Qualitativa (GARCIA; IBÁÑEZ; ALVIRA, 1986; ALONSO, 1998; ORTÍ, 2001; CONDE, 2009; RUIZ RUIZ, 2009; dentre outros), comandada principalmente pela Escola Qualitativista de Madri, emergiu, no início dos anos 1970, a chamada Análise Sociológica do Discurso (ASD) – tema desde ensaio. A partir de 1973, ainda durante a ditadura de Franco, nasceu o edifício teórico e metodológico da Análise Sociológica do Discurso, que passaria a se constituir como o núcleo fundamental da pesquisa qualitativa na Espanha. Paradoxalmente, no centro da falta de liberdade política e de pensamento (PEINADO, 2002), contra o saber oficial, e permeada pela ortodoxia da “contestação”, surge uma intensa reflexão sobre os problemas sociais capaz de produzir um redirecionamento da investigação da linguagem entendida a partir desse momento como “discurso social”.

Neste contexto de processo geral de institucionalização e consolidação da metodologia qualitativa na sociologia espanhola, durante os primeiros governos democráticos, registra-se o início de uma reforma curricular do curso de Sociologia, principalmente na *Universidad Complutense de Madrid*, além da edição de manuais de métodos qualitativos e análise do discurso publicados por espanhóis (por exemplo, DELGADO; GUTIÉRREZ, 1994; VALLES, 1997; ALONSO, 1998; CALLEJO, 2001, por exemplo) Destaca-se também a configuração de um grupo de investigadores, a partir das práticas de investigação de mercados, tais como Jesús Ibáñez – um dos principais mentores da ASD - pertencentes à Escola Qualitativista de Madri ou a Escola de Ibáñez. Fernando Conde - fundador do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia da *Universidad Complutense de Madrid* (UCM) - é considerado

um dos autores fundamentais da ASD na atualidade. Conde dirige o instituto de pesquisa *Comunicación, Imagen y Opinión Pública* (CIMOP) – principal centro de desenvolvimento da ASD em Madri. No Brasil, a perspectiva vem sendo desenvolvida, e aproximada ao campo organizacional, por Godoi (2005; 2006; 2009); e Coelho e Godoi (2010).

Não há unanimidade sobre o entendimento da Análise Sociológica do Discurso (ASD), com inúmeras variações observadas nas práticas dos pesquisadores mais influentes. No entanto, dois elementos, observados por Conde (2009), integram as diferentes linhas da ASD: a) a unidade de análise centrada no corpo do texto da investigação como um todo e não na segmentação; b) a vinculação e a articulação entre as perspectivas internalistas e contextuais do discurso, salientando a importância do contexto sobre o texto. Trata-se de uma análise pragmática do texto e da situação social – micro e macro – que a gerou (ALONSO, 1998). Esta aproximação com o contexto, reforçada pela ênfase na importância de dimensão pragmática da linguagem, situa a ASD em certa linha de conexão com a Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente na versão de Conde (2009).

Conduzida pela fenomenologia, etnologia e teoria crítica da sociedade, a ASD consiste na busca de um modelo de representação e compreensão do texto concreto em seu contexto social e histórico, desde a reconstrução dos interesses dos atores envolvidos no discurso (ALONSO, 1998). É nesse nível social-hermenêutico que o texto é concebido de forma abrangente e vincula-se diretamente com a dimensão mais pragmática da linguagem e a análise de seus usos sociais (CONDE, 2009).

Esse ensaio tem como objetivo aproximar os elementos epistemológicos, metodológicos e técnicos da Análise Sociológica do Discurso ao campo organizacional. Estruturam-se as seguintes seções: a) análise das origens da ASD no interior das etapas da tradição espanhola de investigação social qualitativa, com destaque ao papel de seus principais mentores; b) sistematização de elementos metodológico-epistêmicos elegidos como relevantes tanto à compreensão do método quanto a sua diferenciação (o que é a ASD e os níveis de análise compreendidos na abordagem; a noção de discurso da ASD; noção de contexto com a qual trabalha a ASD; e o debate com a Análise Crítica do Discurso); c) desenvolvimento dos elementos metodológico-técnicos da ASD, na medida de suas possibilidades de adaptação ao campo organizacional; e, por fim, d) alerta crítico aos riscos de pseudo-análise em ASD.

2 Origens da ASD: a Tradição Espanhola da Pesquisa Social Qualitativa

Denzin e Lincoln, na segunda edição do *Handbook of Qualitative Research* (2000), ampliaram de quatro para sete as perspectivas históricas sobre a gênese e desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Os chamados “sete momentos” determinantes das pautas principais dos últimos anos do século XX seriam: 1º) tradicional (1900-1950); 2º) modernista (até 1970); 3º) gêneros redesenhados (1970-86); 4º) crise de representação (1986-90); 5º) pós-moderno (anos 90); 6º) escrita pós-experimental (anos 90); 7º) o futuro.

Na época da primeira edição do manual de Denzin e Lincoln, em 1997, Delgado e Gutiérrez (1994) publicaram, na Espanha, um manual com periodização distinta: 1) primeiros estudos (final do século XIX); 2) fase de importação (início da década de 1970); 3) início dos debates originais (final da década de 1970); 4) desenvolvimento dos debates originais (décadas de 1970 e 1980); 5ª) consolidação e questões de procedimento (final da década de 1980 e década de 1990); e 6) prática de pesquisa. Com algumas especificidades e diferenças cronológicas, a experiência vivenciada na Espanha parece mais próxima da realidade da pesquisa qualitativa brasileira do que aquela descrita pelos autores americanos. A segunda periodização norte-americana é criticada por Valles e Baer (2005) e Flick (2004), em virtude do destacado papel

atribuído à representação, à crise de representação e à relatividade do que se representa, relegando a um segundo plano as intenções de formalizar e canonizar os métodos. Flick (2004) alerta que qualquer categorização da prática da pesquisa qualitativa em uma seqüência progressiva de etapas corre o risco de inutilidade em virtude de seu caráter ideológico.

Para entender a prática da pesquisa qualitativa na Espanha é preciso considerar a Guerra Civil (1936-1939) e a Ditadura de Franco (1939-1975) como os marcos condicionantes da grande transformação da sociedade espanhola contemporânea (VALLES; BAER, 2005). Os fatos econômicos e culturais são utilizados por Valles; Bauer (2005) e Conde (2009) na estruturação das etapas da pesquisa qualitativa no país, conforme sintetiza o quadro 1.

Período/Etapa	Denominação da etapa de Investigação Social Qualitativa (ISQ)	Descrição
I. final do século XIX – ano de 1924	Raízes na reforma social e na literatura	- Investigações do Instituto de Reformas Sociais
II. de 1913/17 a 1939	Raízes filosóficas alemãs	- Neokantismo, fenomenologia, sociologia filosófica
III. de 1940 a 1959	Parênteses no pós-guerra civil e exílio	- Mínima investigação frente à máxima experiência social
IV. de 1953/59 a 1975	Raízes sociológicas atuais	- Final do regime de Franco - Psicanálise, marxismo - Recepção da sociologia norte-americana
V. de 1974 a 1993	Auge da ISQ: usos e abusos?	- Transição democrática - Institucionalização da ISQ
VI. de 1994 a 2004/atualmente	Especialização e sistematização da ISQ	- O antigo e o novo: gerações, teorias, práticas

Quadro 1: Etapas da investigação social qualitativa na Espanha

Fonte: Elaborado a partir de Valles; Baer (2005) e Conde (2009).

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) assinala o início do *terceiro período* da pesquisa qualitativa e provoca o deslocamento das investigações para o campo social. A última década do regime de Franco - *quarta etapa* da periodização histórica - por sua vez marca o desenvolvimento das raízes sociológicas atuais na Espanha. Nessa fase, Valles e Baer (2005) relatam que a sociologia espanhola assiste o fim da primazia das universidades norte-americanas e a ascensão da influência das universidades francesas, com a psicanálise, a semiótica e o marxismo. A principal figura deste período é Jesús Ibáñez, fundador do ALEPH (*Asociación Internacional de Jóvenes Hispanistas*), em 1958, e professor de um grupo de investigação em torno da metodologia de grupo de discussão.

Os governos democráticos – *quinta etapa* – constituem o contexto do processo de institucionalização da sociologia na Espanha e o reconhecimento oficial da pesquisa qualitativa. Esse período teve seu destaque ao configurar um grupo identificado com as práticas de investigação de mercados, entre os quais, Jesús Ibáñez, Alonso Ortí, Angel de Lucas, José Luis Zárraga, Luis Martín de Dios, pertencentes à Escola Qualitativa de Madri ou a Escola de Ibáñez. Tais investigadores constituíram o núcleo fundamental da corrente espanhola de investigação qualitativa e de análise de discurso, especificamente, a Análise Sociológica do Discurso. Neste período, registram-se a primeira titulação de Sociologia em uma universidade pública espanhola, o início de uma reforma curricular, e a edição de manuais gerais de pesquisa qualitativa, bem como específicos sobre ASD, publicados por espanhóis (exemplos de manuais: ORTÍ, 2001; VALLES; BAER, 2005; CONDE, 2009).

Ibáñez (1979; 1990; 1992; 1997) foi o grande mestre dos qualitativistas espanhóis e de diversos ibero-americanos no último século (VALLES; BAER, 2005). Sua influência como “importador” e “exportador” de tecnologia – conforme ele próprio narra em nota auto-biográfica

(IBÁÑEZ, 1990) – projetou-se em especial ao Chile, Argentina, Porto Rico, Marrocos, Senegal e, por meio de seus discípulos (CONDE, 2009; ALONSO, 1998; RECIO, 1994; CALLEJO, 2001; SERRANO, 1998, 2001, 2008; entre os principais) à França e aos Estados Unidos. O estilo de investigação do consumo de Ibáñez caracteriza-se pelos seguintes aspectos apontados por Valles e Baer (2005): interpretação crítica dos discursos sociais; técnica de grupo de discussão; análise estrutural; realização da reflexão teórica (teorização tecno-metodológica) somente após a etapa do pesquisador de mercados. Os estudos qualitativos ou mistos de Ibáñez e seus alunos, de diversas gerações, transitam não somente pelo campo do consumo, mas incluem, por exemplo, a imigração, a saúde, a habitação e o trabalho. Uma das figuras do círculo de Ibáñez que adquire grande destaque contemporâneo é Conde (2009), com a introdução na pesquisa de mercado do “grupo triangular” (três pessoas e um moderador), semelhante ao grupo de discussão, porém com capacidade de trabalhar com códigos de comunicação a fim de obter maior profundidade nos discursos dos participantes. Para concluir a cartografia da pesquisa qualitativa, Valles e Baer (2005) destacam, a partir de 1994 – *sexto e último período* –, os seguintes acontecimentos: reformulação curricular (iniciada no período anterior) do curso de Sociologia, principalmente na *Universidad Complutense de Madrid*, onde são criadas duas temáticas de pesquisa social: Métodos e Técnicas Quantitativas e Métodos e Técnicas Qualitativa; interação conjunta de métodos quantitativos e qualitativos durante o VIII Congresso Nacional de Sociologia, em 2004. Tais fatos são interpretados por Valles e Baer (2005) como o encerramento de um círculo em que o papel e o lugar da metodologia qualitativa na sociologia espanhola consolidaram-se definitivamente.

3 O que é ASD: elementos metodológico-epistêmicos da abordagem

São analisados nesse capítulo elementos epistemológicos, teóricos e metodológicos da ASD considerados relevantes para sua compreensão e diferenciação em relação a outras tradições: a) o que é a ASD e os níveis de análise compreendidos na abordagem; b) a concepção de discurso da ASD; c) a noção de contexto com a qual trabalha a ASD; d) aspectos de proximidade e distinção entre a ASD e a Análise Crítica do Discurso.

3.1 Níveis de análise na ASD

A ASD tem-se constituído a partir da adoção e adaptação pelos sociólogos de métodos de análises desenvolvidos por outras ciências sociais, o que produz algumas semelhanças parciais com a análise realizada pela linguística, etnografia, antropologia e psicologia, para citar algumas dessas ciências (ALONSO; CALLEJO, 1999; ALONSO, 1998; RUIZ RUIZ, 2009). Mais do que um método para analisar discursos sociológicos, o que se encontra na literatura é uma série de práticas e procedimentos que os sociólogos têm usado de forma muito diferente no trabalho profissional, ou seja, não há unanimidade sobre o que constitui a Análise Sociológica do Discurso, ou como deve ser abordada.

Um aspecto integrador das diferentes linhas e versões de ASD consiste na unidade de análise centrada no “corpo do texto” (CONDE, 2009) da investigação como um todo, ou seja, o texto é analisado e compreendido em sua totalidade, à revelia de qualquer tipo de segmentação do texto inicial. Essa visão de Conde (2009) conecta-se com as propostas pioneiras de Bakhtin (1988) sobre “dialogismo” nos discursos sociais e com o entendimento de Maingueneau (1976), de que a unidades de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de intercâmbios entre vários discursos.

Não se trata na ASD apenas de análise formalista – conduzida pela fenomenologia, etnologia e teoria crítica da sociedade –, mas de uma análise em busca de um modelo de

representação e compreensão do texto concreto em seu contexto social e em sua historicidade de proposições. Esse processo, chamado por Alonso (1998) de “contextualização”, baseia-se na questão social e nos espaços comunicativos concretos que se formam e elaboram os discursos dos atores como práticas significantes. O texto é assim concebido de forma abrangente e vincula-se diretamente à dimensão mais pragmática da linguagem e à análise de seus usos sociais (CONDE, 2009). No entendimento de Godoi (2006), em virtude de não focalizar funções imanentes ao texto e procurar regras de coerência que estruturam o universo dos discursos sociais, a ASD desloca o objeto tradicionalmente focalizado pela análise do discurso.

Na busca de compreender e organizar a multiplicidade de abordagens da análise do discurso e configurar o espaço da ASD, Alonso (1998) propõe três níveis básicos de aproximação à análise do discurso: a) o nível *informacional-quantitativo*, que prima pela dimensão denotativa do texto; b) o nível *estrutural-textual*, que concebe o texto como resultado de invariantes formais; e c) o nível *social-hermenêutico*, vinculado à dimensão pragmática da linguagem e à análise de seus usos sociais. A classificação de Alonso foi detalhadamente analisada por Godoi (2005; 2006) e encontra-se sintetizada no quadro 2.

Informacional-quantitativo	Estrutural-textual	Social-hermenêutico
a) parâmetro de análise: palavra.	a) parâmetro de análise: texto.	a) parâmetro de análise: discurso social.
b) estatística textual e primeiro nível qualitativo (diferencial semântico).	b) análise internalista do texto.	b) análise externalista
c) evidenciam-se indícios mais diretos para posterior interpretação	c) conjunto estruturado de signos.	c) recuperação do sujeito no texto.
d) exclui-se de maneira total qualquer de suas possíveis dimensões pragmáticas.	d) materialização do discurso	d) análise contextual dos argumentos
e) exemplo: análise do conteúdo clássica.	e) exemplo: análise semiótica e inclui grande parte da tradição francesa de AD	e) exemplo: interpretação sociológica

Quadro 2: Principais características dos níveis de aproximação à Análise do Discurso

Fonte: Elaborado com base em Alonso (1998).

De forma similar a proposta de Alonso (1998), Ruiz Ruiz (2009) sugere um planejamento de análise do discurso em três níveis: *textual*, *contextual* e *de interpretação sociológica*, tal como demonstra a comparação do quadro 3. Diferentemente do primeiro nível de Alonso, o nível denominado *textual* por Ruiz Ruiz compreende tanto a análise do conteúdo quanto a análise semiótica. O nível *contextual* de análise Ruiz Ruiz permite compreender o significado do discurso para os envolvidos em sua produção, focalizando, portanto, a interpretação dos discursos dos sujeitos envolvidos em situações sociais. Esse nível já constituiria, na classificação de Alonso, a ASD, no entanto, Ruiz Ruiz insere a necessidade do nível da *interpretação sociológica*, no qual só então seria finalizada a ASD. Na concepção de Alonso, os três níveis – dimensões - englobam as diferentes perspectivas de análise do discurso, situando-se a ASD exclusivamente no último; em Ruiz Ruiz, o planejamento da ASD passa necessariamente pelos três níveis, considerados como etapas essenciais.

Alonso (1998) e Conde (2009)	Ruiz Ruiz (2009)
(a) <i>informacional-quantitativo</i> (Análise de Conteúdo);	(a) <i>textual</i> (Análise de Conteúdo e Análise Semiótica);
(b) <i>estrutural-textual</i> (Análise Semiótica);	
(c) <i>social-hermenêutico</i> (Análise Social).	(b) <i>contextual</i> (Contexto situacional e intertextual);
	(c) <i>interpretação sociológica</i> (Inferência).

Quadro 3: Análise comparativa entre os níveis da Análise do Discurso

Fonte: Elaborado com base em Alonso (1998); Conde (2009); Ruiz Ruiz (2009).

O quadro 3 não pretende uma correspondência linear, o que não seria possível, mas tem o intuito de uma aproximação comparativa entre os níveis construídos a partir da prática dos diferentes autores. As semelhanças superam as diferenças entre as duas abordagens de Alonso (1998), partilhada por Conde (2009), e de Ruiz Ruiz (2009), particularmente no que diz respeito às seguintes questões fundamentais: a) a consideração dos níveis informacional e estrutural de análise como inadequado ou apenas complementar no âmbito da análise sociológica; b) a consideração da interpretação sociológica como elemento distintivo ou específico para esta análise sociológica. Os níveis propostos pelos autores da ASD são fundamentais e quase sempre se faz uso de todos eles durante o procedimento de análise, o que revela a transversalidade da abordagem. A proposta de classificação em níveis (ORTÍ, 2001) ou dimensões (ALONSO, 1998) permite, no entender de Conde (2009), a integração de análise de muitos dos desenvolvimentos e das propostas metodológicas e técnicas procedentes do conjunto de linhas teóricas de investigação social direcionadas ao discurso.

3.2 A noção de discurso na ASD

Em virtude diversidade de antecedentes teóricos e estratégias metodológicas de investigação, não há - na análise do discurso - uma definição unívoca do que seja discurso. O conceito de discurso “não é dado” (POSSENTI, 2001), muitos pesquisadores referem-se a coisas distintas quando aludem ao conceito (GARAY; IÑIGUEZ; MARTINEZ, 2001), disputando a primazia de sua concepção. Essa variabilidade não caracteriza um inconveniente, e sim a riqueza permanente de um debate que permitiu a ascensão de várias perspectivas discursivas.

A noção de discurso da Análise Sociológica do Discurso é influenciada principalmente por três tradições principais: a filosofia da linguagem associada à escola de Oxford; a obra de Foucault; e a pragmática francesa (IÑIGUEZ, 1993; CONDE, 2009). Trata-se, portanto, de uma aproximação pragmática da análise dos textos, porém considerando que o discurso “excede ao texto” (RICOEUR, 2001). Esse entendimento pragmático implica na aproximação ao do discurso como uma atividade, uma prática social e discursiva, um processo de argumentação, de comunicação, de “tensões” (CONDE, 2009) ou, na expressão de Gadamer (2006), um “diálogo”. Ao “exceder ao texto”, o discurso configura-se como um conjunto de “práticas sociais”, ou “práticas discursivas” (FOUCAULT, 2002), – regras constituídas em um processo histórico que vão definindo em uma determinada época, em grupos específicos e concretos, as condições que tornam possível uma enunciação. Sob a influência de Foucault, Iñiguez e Antaki (1994) caracterizam o discurso como um conjunto de “práticas lingüísticas” que mantêm e promovem certas relações sociais. ASD entende discurso como uma construção teórica, designada por Conde (2009), de “sistema de discursos”, realizada pelos pesquisadores a partir da análise de textos, ou seja, do material empírico.

As práticas de análise do discurso desenvolvidas por de Conde (2002, 2007, 2009) são orientada pela perspectiva de que não há sentido em analisar discursos isolados, mas discursos que se encontram articulados em sistemas. Para explicar esse “sistema de discursos”, Conde (2009) desenvolve as seguintes características encadeadas, a serem abordadas pelo analista, de forma flexível: a) é uma perspectiva de aproximação à realidade social que mantém certa coerência interna e conduz ao desenvolvimento de uma visão específica; b) a coerência e a consistência do discurso são determinadas pela forma particular de narrativa adotada; c) expressam-se em uma série de argumentos articulados; d) seus materiais constitutivos emergem da interação social dos sujeitos; e) seus elementos constitutivos são pronunciados pelos sujeitos com alguma intencionalidade.

A perspectiva de discurso da ASD, por certo influenciada por Foucault (2002), é especificada em Conde (2009) e está a seguir sintetizada e adaptada - uma vez que o autor trabalha apenas com “grupos triangulares” (grupos de discussão formados por três participantes e um moderador) – nos seguintes aspectos: a) os discursos são produções e “práticas sociais”, não individuais, portanto, considera-se a produção do “grupo”, evitando considerar as variações pessoais fora de sua concepção como situação social. Inclusive no caso da análise individualizada, não se considera o interesse da pessoa concreta, mas sim do “tipo social” que representa no momento da pesquisa; b) os discursos são produzidos a partir do conjunto de ligações, dos nós das relações sociais entre os sujeitos que falam; c) os discursos sociais formam um sistema estruturado, ordenado e hierarquizado; d) a circulação dos discursos sociais responde a uma complexa rede de relações e conflitos sociais, ideológicos, simbólicos, longe de qualquer outro tipo de uniteralismo; e) existe uma diversidade de graus de cristalização e de circulação social dos distintos discursos sociais.

A concepção de discurso social, explica Peinado (2002), não constitui uma maneira de se referir, por meio de palavras, a uma realidade social extra-linguística, mas um modo de regular o funcionamento social mediante fluxos simbólicos. O modo de pensar social não está presente não apenas no ato da comunicação, mas em toda institucionalização simbólica que organiza a relação com o outro, que institui representações que garantem os laços com o “outro”. O caráter que tem o discurso social de sempre produzido em relação a outro discurso social é designado como “interdiscursividade” (ALONSO, 1998).

A prática discursiva funciona em um contexto de posições sociais pré-configuradas e adquire sentido na busca de efeitos sociais (ALONSO, 2002). Mais do que uma análise interna, a ASD trabalha com um discurso contextualizador, ou seja, toda interpretação somente se torna razoável quando o situa o “texto no contexto” – processo chamado por Alonso (1998; 2002) de “contextualizar”. A relação entre discurso e a noção de contexto com a qual trabalha a ASD é objeto do sub-capítulo a seguir.

3.3 A noção de contexto da ASD

A “interpretação contextualizadora” (ALONSO, 2002) é a chave da análise discursiva, de tal forma que uma interpretação somente pode ser razoável quando se situa em um contexto situacional, histórico, lingüístico, sócio-cultural, dentre outros. É a seleção do melhor contexto possível que detém a capacidade de gerar a “relevância ótima” (CIMINARI, 2002) da interpretação.

A noção de contexto sofreu diversas modificações. (LEONETTI, 1996). Sua historicidade pode ser dividida em dois momentos principais (CIMINARI, 2002; SRHIR, 2007): contexto concebido como um fator estático, preexistente na enunciação, cuja função explicativa intervinha apenas em alguns casos em que o papel da análise lingüística tornava-se insuficiente; e a concepção dinâmica do contexto - corroborada pelos autores da ASD e outros como Ciminari, (2002); Srrhir (2007) e Van Dijk (2004) - caracterizada por uma “orientação cognitiva”, na qual, a amplitude do conceito de contexto engloba a totalidade dos elementos não-textuais, indo além da enunciação. Esse novo enfoque cognitivo do contexto está baseado em dois pressupostos analisados por Ciminari (2002): o contexto desempenha um papel decisivo na interpretação pragmática de todos – não só de alguns – enunciados; e não está pré-determinado ou dado de antemão na mente do destinatário que processa um enunciado, mas se constrói ao interpretar.

No interior dos dois momentos descritos, existe ainda, na definição de contexto, uma multiplicidade de níveis (ALONSO, 1998). Não há acordo entre os autores sobre a classificação desses níveis. Alonso (2002) elenca diversos: contexto histórico, lingüístico (idiomático), textual,

inter-textual, existencial e micro-situacional. Os níveis descritos por Alonso (2002) poderiam ser sintetizados na classificação de Givón (1984) em apenas dois níveis: contexto cultural e contexto específico. Ainda que a ASD leve em consideração todos os níveis de Alonso, a ênfase principal recai sobre o “contexto cultural” de Givón – amplo sistema de conhecimento generalizado entre vários membros de uma cultura particular, que permite a construção de suposições para compreensão do enunciado. Tais suposições estão na memória do analista ou são criadas no momento da comunicação. De forma também mais simplificada do que Alonso (2002), Leckie-Tarry (1995) propõe uma classificação em três níveis: contexto cultural, contexto situacional e contexto do texto.

A “perspectiva cognitiva do contexto” (VAN DIJK, 2004) trabalha justamente com o “contexto cultural” – hábitos, costumes, crenças, normas sociais, sistema político-econômico, dentre outros aspectos, que ajudam na compreensão do texto. Além da compreensão do processamento da informação externa, essa perspectiva compreende a ativação e o uso da informação interna, cognitiva. Ciminari (ano) elucida que contexto entendido como “realidade cognitiva” implica na representação mental que envolve a memória e na organização dos conhecimentos armazenados nela. O enunciado é processado em um conjunto inicial mínimo de suposições previamente ativadas na memória; este contexto inicial pode ampliar-se de várias formas no processo interpretativo, introduzindo novas suposições e avaliando o “efeito cognitivo” (CIMINARI, ano) delas sobre os dados iniciais. Na configuração cognitiva, o contexto consiste no conjunto de premissas – “representações mentais” (CIMINARI, 2002) - utilizadas na interpretação de um enunciado. Em síntese, é o enunciado que determina a formação do contexto, não o inverso.

A noção de contexto com a qual trabalha a ASD é influenciada tanto pela perspectiva cognitiva do contexto desenvolvida por Van Dijk (2004), como também pela da noção de “campo social” de Bourdieu (2000) – sistema de relações, de forças e de interesses concretos que marca as posições e dá sentido às estratégias que realizam as práticas discursivas.

Para chamada “análise do discurso concreto” – metodologia utilizada por Alonso (1992; 2002), um autores mais proeminentes da ASD – uma boa análise do contexto garante um bom começo de uma análise de discurso. O contexto social analisado pela Análise Sociológica do Discurso não consiste em uma situação particular, tampouco na limitação ou supressão das terminações gerais, mas no espaço social e concreto delimitado por permitir a entrada em cena de todas as sobre-determinações sociais possíveis (ALONSO, 1998). O plano de análise de Alonso (1998) não se reduz às de análise focalizadas por outras traduções de análise do discurso: a) processo de desintegração de um texto ou corpo textual em palavras-sinais; b) imposição sobre esse texto de um modelo de representação que cristaliza a estrutura enunciativa. O que Alonso designa por “contextualizar” – situar textos em discursos concretos – é considerar a “representação como uma regra de ação” (DELADALLE apud ALONSO, 2002).

A análise sociológica busca de recuperar os sujeitos sociais dos discursos (ALONSO, 1998) - como emissores, receptores e meios inter-subjetivos – através dos universos de referência de seus discurso. Alonso (1998) coloca em cena uma concepção dialética entre discurso e contexto, que dinamiza e inter-relaciona o interior e o exterior, ou seja, os mundos objetivo, subjetivo e social para desenvolver em universos semânticos os conteúdos do acervo de conhecimentos da cultura. Nessa relação dialética, a interpretação tem que compreender o texto no interior do mundo da vida - esfera onde o indivíduo encontra convenções e motivações comunicativas. No dizer de Cuesta Abad (apud ALONSO, 1998, p. 204), o sentido escapa ao concreto de algumas circunstâncias e, ao mesmo tempo, exige a “observação de sua extensão e envergadura histórico-cultural”.

3.4 O Debate com a Análise Crítica do Discurso

Recebedora de influências comuns - principalmente de Foucault (2002), Bourdieu (2000) e Van Dijk (1998) -, a Análise Sociológica do Discurso (ASD) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) apresentam diversos aspectos coincidentes, semelhantes e, naturalmente, outros divergentes. Cabe ressaltar que a perspectiva da Análise Crítica do Discurso é herdeira mais de Foucault (2002) do que de Bourdieu (2000) – fato que, no entender de Alonso (2002), a torna muito mais teoricamente abstrata, socialmente desencarnada e, portanto, mais próxima do pensamento filosófico do que sociológico. Outros fatores responsáveis pelo desinteresse sociológico da ACD, e consequente distanciamento do campo sociológico, são apontados por Ruiz Ruiz (2009): o desenvolvimento histórico da abordagem a partir de posicionamento mais próximo da psicologia social; a consideração dos efeitos pragmáticos do discurso em relação com o contexto social imediato, desconectado do contexto social mais amplo.

Ao abrir a possibilidade de praticar formas de análise do discurso mais próximas dos interesses concretos da pesquisa sociológica, a ASD rompe com dicotomia ressaltada, principalmente no âmbito anglo-saxão, entre análise do discurso e “análise pós-moderna do discurso”, onde se inclui a ACD. A crítica da ASD ao pós-moderno em análise do discurso atinge tanto as tendências intertextualistas quanto as construtivistas e desconstrutivistas, uma vez que as três correntes transformam o discurso em um “jogo de significantes” (ALONSO; CALLEJO, 1999), capaz de gerar a perda da relação com o significado (referência). Para os construtivistas, entre os quais se encontra a maior parte dos praticantes da ACD, os significantes são apenas armas na luta situacional e ideológica entre os interlocutores (ALONSO; CALLEJO, 1999). Nos mais foucaultianos, os “significantes-documento” (FOUCAULT, 2002) não são sequer analisados a partir da representação, como verdade de algo exterior ao documento, mas em sua relação com a própria massa de “significantes-documento”. Os autores da ASD Alonso e Callejo (1999) denunciam que na noção de pós-moderno, alguns “textualizam” tudo, outros “conversacionalizam” tudo, restando ao sociólogo empírico a necessidade de buscar o significado por outros caminhos metodológicos.

A análise pós-moderna do discurso, quer baseada em Foucault (2002), ou em Derrida (1971), pouco contribui para as ferramentas das quais parte para destruir - fenomenologia, hermenêutica, análise estrutural, teoria crítica, sociolinguística, dentre outras -, no que se refere ao conhecimento do social (ALONSO; COLLEJO, 1999). Na avaliação dos autores, a pesquisa no campo social não precisa de uma razão textual que proclame a dissolução dos sujeitos, mas sim de uma razão prática fundamentada no reconhecimento dos sujeitos concretos, na reconstrução crítica da situação e na contextualização histórica da enunciação.

A identificação da ASD como análise sócio-hermenêutica e pragmática do texto e da situação a situa em certa linha de conexão a ACD, entretanto, com uma diferença básica na concepção de poder: a ACD entende o poder do discurso em função do nível de poder social de suas possíveis produções – no dizer de Foucault (2002), os sujeitos não têm o poder, o poder é que tem os sujeitos; a ASD, por sua vez, defende a existência de uma força e de um poder próprio dos discursos, determinado pela sua força simbólica intrínseca e por sua capacidade de canalização das tensões e disputas sociais (CONDE, 2009). A ACD considera que a capacidade crítica é dada pelas relações de poder ocupadas pelos produtores do discurso, por isso identifica-se com uma concepção mais contextual, “externalista” (CONDE, 2009) do texto. Já na concepção da ASD, principalmente nas metodologias de Conde (2009) e Alonso (1998), em virtude da linguagem não possuir poder próprio, estabelece-se a vinculação e a articulação entre ambas as análises: internalistas e contextuais dos textos. Essa articulação entre texto e contexto gera dentro

da ASD práticas muito diversificadas de interpretação do discurso, em razão da orientação teórica do analista. As práticas podem ser agrupadas em três tipos não excludentes, frequentemente encontrados combinados, distinguidos por Ruiz Ruiz (2009). A primeira vertente prioriza no discurso a dimensão de informação social. Apesar de a qualidade dessa análise ser limitada, já que a informação que os sujeitos têm sobre a realidade é parcial e determinada pela posição social que ocupam, é considerada bastante útil para a ASD (RUIZ RUIZ, 2009) e não é priorizada pela ACD. A segunda orientação da interpretação considera o discurso como reflexo das ideologias dos sujeitos. O que interessa a esse tipo de interpretação é o ponto de vista do sujeito, não como um viés subjetivo do discurso, mas como indício de construções e dominação ideológica. Percebe-se aqui a aproximação entre a interpretação ideológica e a prática da ACD, em especial Van Dijk (1998) e Bourdieu (2000). A terceira corrente de interpretação sociológica considera o discurso como produto social. No julgamento de Ruiz Ruiz (2009), este tipo de interpretação é o que permite estabelecer uma conexão com o social no sentido mais amplo. Apesar de não ser a corrente dominante, a interpretação do discurso como produto social está necessariamente presente em todas as práticas de ASD; é característica das metodologias clássicas de Garcia, Ibáñez e Alvira (1986), Ibáñez (1979; 1990) e Conde (2002; 2007; 2009). A interpretação sociológica é também um dos momentos teóricos de aproximação com a ACD por conta de ser esta a característica da prática de Foucault (2002), como explica Ruiz Ruiz (2009).

Como principal marca diferencial da ASD, a interpretação é justamente a parte que suscita maior receio, uma vez que requer um “salto ou descontinuidade” (RUIZ RUIZ, 2009) na análise, exigindo do analista avançar além dos discursos concretos que estão sendo objeto da pesquisa. Seguramente, não se trata de um salto no vazio, mas um salto fundamentado nas etapas da “análise textual e contextual” (RUIZ RUIZ). É arriscada por ser a etapa que permite maior liberdade do analista, no entanto, dentro de uma estrita lógica científica e procedimental a ser descrita no capítulo a seguir.

4 Aspectos metodológico-técnicos da Análise Sociológico do Discurso

Os “metodológico-técnicos” (VALLES, 1997) de análise sociológica do corpo do texto constituem o alicerce da investigação e determinam como são estabelecidas as bases de construção do “sistema de discursos” (CONDE, 2009). Não se pretende aqui prescrever uma fórmula padronizada de praticar ASD, mesmo porque há diversas variações entre os autores. A opção pela metodologia de Conde (2009), associada a elementos abstraídos das orientações de Cofiño, Sánchez e Gracia (2010), ocorreu em virtude da completude e detalhamento do método, com o alerta de que o uso dos procedimentos depende do processo criativo e singular de cada pesquisa. Os quadros deste capítulo sintetizam etapas procedimentais flexíveis, que podem servir de guia de orientação à prática da pesquisa, pois, no entender de Conde (2009), não se pode não confundir a “criatividade” com “anarquia metodológica”.

Conde (2009) desenvolveu essas orientações para serem utilizadas no trabalho de pesquisa com “grupos canônicos” - grupos de discussão (formados por seis ou oito pessoas e um moderador), porém a metodologia é aplicável também a grupos “triangulares” (três participantes e um moderador), a entrevistas individuais, ou a outros tipos de pesquisa qualitativa, como análise do discurso da imprensa escrita. O quadro 4 traz uma apresentação do conjunto de “trabalhos práticos iniciais” - tarefas a serem executadas pelo pesquisador antes dos procedimentos propriamente ditos.

Etapa(s)		Trabalhos práticos iniciais de ASD
Preparação da análise	Tarefas imediatamente	Tarefas realizadas com base no caderno de campo: ✓ Elaboração de um mapa de posições e identificação de pontos de conflito.

dos textos	te posteriores ao trabalho de campo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificação de temáticas significativas; de diferenças entre as entrevistas; de temas que não haviam despertado atenção; de correspondência ou ruptura das perguntas do roteiro. ✓ Análise do contexto das entrevistas/grupo de discussão. ✓ Análise do papel do entrevistador. ✓ Elaboração de um gráfico (sociograma) para ordenar a leitura do texto de maneira sistemática, não meramente aleatória. ✓ Realizar um pequeno escrito com as primeiras intuições, sensações, idéias e conclusões as entrevistas/grupo de discussão.
	Transcrição literal	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Procedimento básico para o trabalho de análise e associações dos deslocamentos, tensões, desenhos e expressões. ✓ Inclusão de comentários, pausas, saídas, movimentos, intervenientes. ✓ Realização de anotações para ler várias partes do texto de forma simultânea. ✓ Releitura das transcrições.
Preparação do trabalho de leitura	Leitura ordenada do corpus do texto	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criação de uma ordem provisória de leitura das entrevistas/grupos de discussão. ✓ A ordem pode ter sido estabelecida a partir das notas do caderno de campo ou de transcrição. Sugestões de critérios: de acordo com desenho da posição social; com peculiaridades; com primeiras intuição das posições discursivas.
	Leitura literal do texto	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura idealmente “literal”, com atribuição de igual valor a cada expressão, seja óbvia ou não. ✓ Mudança na maneira habitual de leitura. ✓ Identificação de peculiaridades geradoras de pistas, sem buscar saturação de informações.
Separação entre a decomposição e a abordagem integral do texto	Decomposição em unidades elementares	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Decomposição e fragmentação do corpus do texto em unidades elementares de análise. ✓ Realização posterior de uma síntese (aproximação analítica).
	Aproximação integral do texto	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aproximação texto de forma global e integral. ✓ Desenvolvimento posterior de um trabalho de análise particularizado e detalhado. (aproximação integrativa).
Anotações do texto		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizadas desde primeiras tarefas práticas, em paralelo com a leitura dos textos. ✓ Caracterização, classificação e codificação de conteúdos; marcação de expressões, <i>insights</i>, associações, hipóteses, elementos importantes.

Quadro 4: Trabalhos práticos iniciais de Análise Sociológica do Discurso

Fonte: Elaborado a partir de Conde (2009); Cofiño, Sánchez e Gracia (2010).

Uma vez realizados os trabalhos práticos iniciais, prosseguem-se com os procedimentos de análise e interpretação dos textos propriamente ditos. As etapas contidas nos quadros 5 e 6 correspondem a três momentos sequenciais apresentados por Conde (2009, p. 121): a) procedimentos de interpretação; b) procedimentos de análise; e c) procedimento de articulação entre análise e interpretação, que tratam da redação narrativa dos resultados da pesquisa e da realização de sua síntese final.

Etapa(s)		Procedimento(s) de interpretação em ASD
Conjecturas pré-analíticas	Elaboração	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Operação conjunta entre a dedução-indução científica e as intuições, conjecturas. ✓ Realização de leitura aberta, atenta à literalidade e expressividade do texto, bem como, aos indícios e evocações neste trabalho. ✓ Atenção à análise da dinâmica das entrevistas/grupo de discussão; ao contexto; aos trabalhos iniciais sobre as notas; aos objetivos da pesquisa. ✓ Atrever-se a pensar e interpretar.
	Validação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Não existem regras para fazer boas conjecturas, mas existem métodos para validá-las. ✓ Análise da coerência e consistência do conjunto do texto com as conjecturas, com verificação do encaixe da consolidação das conjecturas, ou estabelecimento de

	novas conjecturas.
Estilos discursivos	✓ Análise das formas expressivas, idiossincráticas, singulares, enunciativas, dos giros expressivos, estilos narrativos e tipos de aproximação/construção discursiva de um fenômeno social em cada entrevista/grupo de discussão.

Quadro 5: Procedimentos de interpretação em ASD

Fonte: Elaborado a partir de Conde (2009).

Findos os procedimentos mais interpretativos que abrangem o trabalho do texto de maneira mais global, iniciam-se as etapas referentes aos procedimentos de análise. Tais procedimentos devem resultar na elaboração de um texto escrito – relatório, informe, livro, artigo, etc. -, dos resultados que constroem, de forma narrativa, o sistema de discursos analisado na investigação. As etapas do quadro 6 seguem uma lógica temporal, mas na experiência de Conde (2009), podem a desenvolvidos de forma parcialmente simultânea.

Etapa(s)	Procedimento(s) de análise em ASD
Análise das posições discursivas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Perspectiva ou pontos de vista dos participantes sobre o tema. ✓ Respostas às perguntas: <i>Quem fala? Desde que posição se fala (lugar social)?</i> ✓ Guia geral para a análise e construção dos discursos.
Análise das configurações narrativas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tensões, conflitos, diferenças de posições e de opiniões expressadas pelos participantes. ✓ Respostas às perguntas: <i>O que está em jogo no que se fala? O que se quer dizer com o que disse?</i> ✓ Geração de uma primeira hipótese sobre dimensões, eixos ou vetores dos textos. ✓ Relaciona-se com a análise de posições discursivas, podendo ocorrer simultaneamente.
Análise dos espaços semânticos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Configuração e delimitação dos principais conteúdos e suas materialidades verbais. ✓ Análise dos atores semânticos, dos segmentos argumentativos e discursivos. ✓ Respostas às perguntas: <i>De que se fala? Como se organiza a fala?</i> ✓ Análise do uso da língua, dos discursos concretas dos participantes, e de como esse discurso se vincula ou se dissocia as diferentes formas de abordar o objeto de investigação. ✓ Relaciona-se com o “campo semântico” - conjunto de unidades léxicas, dotadas de organização estrutural subjacente, consideradas como hipóteses de trabalho.
Relação entre configurações narrativas e espaços semânticos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Análise dos desajustes e distâncias entre a análise das configurações narrativas e dos espaços semânticos, em função dos objetivos da pesquisa.
Análise das associações, deslocamentos e condensações	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Análise de temas, conteúdos, expressões que possam parecer desconexas, ilógicas, fora do lugar. ✓ Associações: ligações sintagmáticas e afetivas, que dão indícios de ligações psíquicas inconscientes. Análise dos conflitos expressos nesse jogo. ✓ Deslocamentos: mudanças de temas, conteúdos, expressões, que assinalam uma posição defensiva. Indicam conflito, freio, censura, repressão. ✓ Análise dos deslocamentos: existência de conflito, repressão ou censura. ✓ Análise das condensações: interseções de várias cadeias associativa, entendidas como porta de entrada ao latente.
Utilização de representações gráficas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Podem ser utilizadas durante as etapas de análise e ajudam a: expressar, visualizar os sistemas de discurso; sugerir a dimensão relacional e contextual dos conceitos gerados; criar e validar as conjecturas e as configurações narrativas. Explicitam a evolução no tempo das posições discursivas, das configurações narrativas e dos espaços semânticos construídos na pesquisa.
Redação da ASD	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalho de escrita narrativa que permite evidenciar as etapas anteriores, configurando os discursos produzidos como resultados da pesquisa.

Quadro 6: Procedimentos de análise em ASD

Fonte: Elaborado a partir de Conde (2009).

Não se pretende com essas sínteses esquemáticas, que acabam, inevitavelmente, por simplificar o método, transmitir a impressão de demasiada formalização e manualização

simplificadora. A Análise Sociológica do Discurso é um processo criativo, intuitivo, reflexivo, minucioso e, como adverte o próprio Conde (2009), que exige tempo de trabalho, atenção, concentração, dedicação à leitura, pois que está repleto de idas e voltas, contrastes, esclarecimentos, matizações na busca de regularidades e diferenças.

Por fim, são apresentados aqui alguns dos principais temas e práticas de pesquisa que vêm sendo desenvolvidas na Espanha, com utilização da perspectiva da Análise Sociológica do Discurso. Tais estudos servem de orientação tanto para abertura de possibilidades esquecidas no campo organizacional brasileiro, em intersecção com a sociologia, além de permitir evidenciar e abstrair a forma singular de utilização do método pelos diferentes autores. As pesquisas transitam principalmente pelas seguintes temáticas: a) mercado e consumo, em especial, consumo alimentar, consumo álcool, cigarro e outras drogas (ex: ALONSO, 2005; CONDE, 2008; CALDERÓN *et al.* 2009); b) relações pessoais e de trabalho-família dos jovens (CONDE 1999a; 1999b); e c) aposentadoria precoce (ALONSO; FERNÁNDEZ; IBÁÑEZ, 2010).

5 Considerações Finais

A Análise Sociológica do Discurso, vinculada à Tradição Espanhola de Pesquisa Social Qualitativa, e uma de suas escolhas mais habituais, sequer é mencionada, nos conhecidos manuais de métodos qualitativos e de análise do discurso, como uma dentre as dezenas (por vezes quase uma centena) de tradições e perspectivas do método. Mais do que um método para analisar discursos sociológicos, o que se encontra na ASD é uma série de práticas e procedimentos que os sociólogos têm usado de forma muito diferente em seu trabalho profissional.

Em virtude da inexistência de unanimidade sobre como deve ser praticada a abordagem, Antaki *et al.* (2003) alertam sobre diversas formas de pseudo-análises, originárias da reduzida formalização da ASD, e que têm gerado conflitos e desentendimentos com a prática da investigação social propriamente dita. As principais pseudo-análises são: a) pseudo-análise através de síntese – caracterizada pelo resumo de trechos da transcrição de entrevistas, ignorando os detalhes e sutilezas discursivas dos dados originais, que altera e distorce o objeto de análise, antes do processo de interpretação; b) pseudo-análise baseada na tomada de posição – implica em assumir uma postura de aprovação ou rejeição sobre a postura de quem fornece o discurso; c) pseudo-análise por excesso ou isolamento de citações – revelada pela ausência de comentários do analista acerca dos dados ou, inversamente, pela tendência da redação referir-se às citações ao invés de analisá-las; d) pseudo-análise circular dos discursos e dos construtos mentais – acredita que as citações e discursos “falam por si” e são suficientes para comprovar as expressões de pensamento, ideias, opiniões, atitudes, e até mesmo, a existência de um repertório ou ideologia subjacentes; e) pseudo-análise por falsa generalização - extrapola os dados propriamente ditos, por exemplo, transformar uma determinada característica de alguns participantes em um atributo pertencente a todos os membros da categoria da amostra; f) pseudo-análise por localização dos elementos – atenta exclusivamente a alguns detalhes das afirmações encontradas no estudo, restringindo-se à localização e esquecendo de objetivar o exame de como os dispositivos discursivos são estabelecidos, o que permitiria realizar a dinâmica interacional. As pseudo-análises não apenas não caracterizam ASD, como nenhuma forma de análise do discurso ou pesquisa qualitativa – âmbitos em que também costumam ser frequentes.

As práticas equivocadas, na visão de Ruiz Ruiz (2009), referem-se a algumas questões centrais: a) a redução da ASD a algum dos seus procedimentos de análise; b) o relativo grau de liberdade e “arbitrariedade” do analista permitido pela abordagem. Todas essas confusões põem em dúvida a própria existência da análise sociológica como um método de análise do discurso com constituição própria. Cabe aos pesquisadores, portanto, constante buscar uma explicação do

que consiste essa perspectiva, visando diferenciá-la e, simultaneamente, aproximá-la de outras perspectivas.

No campo dos estudos organizacionais, o intercâmbio com as discussões do campo da sociologia pode permitir desmistificar a análise do discurso ao encontrar uma metodologia preocupada não com estilo internalista textual, ou com sua estrutura subjacente, mas com a atuação deste “complexo fenômeno cognitivo e social que chamamos de discurso” (ALONSO, 1998, p. 332). Este ensaio intencionou iniciar a delimitação do espaço da Análise Sociológica do Discurso no âmbito dos estudos organizacionais brasileiros.

Referências

- ALONSO, L. E. **La mirada cualitativa en sociología**. Madrid: Fundamentos, 1998.
- ALONSO, L. E. Los mercados lingüísticos o el muy particular análisis sociológico de los discursos de Pierre Bourdieu. **Revista de Estudios de Sociolingüística**, v. 3, n. 1, p. 111-132, 2002.
- ALONSO, L. E. Mitologías alimentarias cotidianas: una relectura de Roland Barthes. **Revista Internacional de Sociología**, C.S.I.C n. 40, Enero-Marzo, p. 79-107, 2005.
- ALONSO, L. E.; FERNÁNDEZ, C. J.; IBÁÑEZ, R. Los otros excluidos: los discursos de los trabajadores prejubilados en España. **Investigación y Marketing**, n. 106, p.42-45, 2010.
- ALONSO, L. E.; CALLEJO, J. El análisis del discurso: del postmodernismo a las razones prácticas. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 88, p. 37-74, 1999.
- ANTAKI, C.; BILLIG, M.; EDWARDS, D.; POTTER, J. El análisis del discurso implica analizar: crítica de seis atajos analíticos. **Athenea Digital**, n. 3, 2003.
- BAKTHIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOURDIEU, P. **Cuestiones de sociología**. Madrid: Istmo, 2000.
- CALDERÓN, C.; BALAGUÉ, L.; SÁNCHEZ, A.; CORTADA, J. M. Médicos y pacientes ante la promoción de estilos de vida saludables en atención primaria. **Rev. Fac. Nac. Salud Pública [online]**, v. 27, n. 1, Enero-Abril, p. 56-60, 2009.
- CALLEJO, J. M. **El grupo de discusión: introducción a una práctica de investigación**. Barcelona: Ariel Practicum, 2001.
- CARRIERI, A. de P.; PIMENTEL, T. D.; CABRAL, A. C. de A. O discurso e sua análise no enfoque foucaultiano da formação discursiva: um método de pesquisa nos estudos organizacionais. **Revista Gestao.Org**, v. 3, n. 2, p. 106-121, Maio/Ago. 2005.
- CARRIERI, A. de P.; SARAIVA, L. A.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. de (Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. Curitiba: Juruá, 2009.
- CIMINARI, L. **El discurso argumentativo: una aproximación a los aportes de la Teoría de la Relevancia a la comprensión de textos**. Ponencia en Simposio Internacional “Lectura y Escritura: nuevos desafíos”. U.N.Cu, Mendoza, abril de 2002. Disponível em <<http://200.16.65.40/educar/el-discurso-argumentativo.-una-aproximacion-a-los-aportes-de-la-teoria-de-la-relevancia..html>>. Acesso 15 Abr 2011.
- COELHO, A. L. de A. L.; GODOI, C. K. Coerência entre o discurso institucional e o discurso midiático sobre a sustentabilidade. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v.4, n. 3, p. 70-89, set./dez. 2010.
- COFIÑO, R.; SÁNCHEZ, V.; GRACIA, G. **Aproximación al análisis em Investigación Cualitativa**. Disponível em <<http://www.slideshare.net/rcofinof/5-analisis-en-investigacion-cualitativa>>. Acesso em 09 Dezembro de 2010.
- CONDE, F. **Los hijos de la desregulación**. Jóvenes, usos y abusos en los consumos de drogas. Madrid: CREFAT, 1999a.

- CONDE, F. **El mundo de las relaciones personales de los jóvenes madrileños**. Madrid: Instituto de Salud Pública, 1999b.
- CONDE, F. G. del A. La evolución de las representaciones sociales sobre la salud de las mujeres madrileñas 1993-2000. **Revista Española de Salud Pública**, v. 76, n.5, Sept./Oct. 2002.
- CONDE, F. G. del A. **Análisis sociológico del sistema de discursos**. Cuadernos Metodológicos 43. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS), Nov. 2009.
- DELGADO, J. M.; GUTIÉRREZ, J. (Coords.) **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1994.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Introduction: entering the field of qualitative research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). **Handbook of Qualitative Research**. 2.ed. California: Thousand Oaks, 2000.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- FLICK, U. **Introducción a la investigación cualitativa**. Madrid: Morata, 2004.
- FOUCAULT, M. **El orden del discurso**. Barcelona: Fabula Tuquets, 2002.
- GADAMER, H.-G. **Estética y hermenéutica**. Madrid: Tecnos, 2006.
- GARAY, A.; IÑIGUEZ, L.; MARTINEZ, L. Perspectivas críticas en Psicología Social: herramientas para la construcción de nuevas psicologías sociales. **Boletín de Psicología**, n. 72, p.55-78, 2001.
- GARCIA, M.; IBÁÑEZ, J.; ALVIRA, F. (Orgs.). **El análisis del realidad social: métodos y técnicas de investigación**. Madrid: Alianza, 1986.
- GIVÓN, T. **Syntax- A Functional**. Typological Introduction. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamin's Publishing Company, 1984.
- GODOI, C. K. Análise do discurso na perspectiva da interpretação social dos discursos: uma possibilidade aberta aos estudos organizacionais. **Revista Gestão.Org**, v.3, n.1, Jan./Abr. 2005.
- GODOI, C. K. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e técnicas**. São Paulo: Saraiva, p.375-401, 2006.
- GODOI, C. K. A perspectiva da interpretação social dos discursos: uma prática de análise dos discursos motivacionais na aprendizagem com base nos atos da fala, enunciação e contexto. In: CARRIERI, A. de P. (Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. Curitiba: Juruá, p. 131-152, 2009.
- HARDY, C. Researching organizational discourse. **International Studies of Management & Organization**, v. 31, n. 3, p. 25-47, fall 2001.
- IBÁÑEZ, J. **Más allá de la sociología**. El grupo de discusión: técnica y crítica. Madrid: Ed. Siglo XXI, 1979.
- IBÁÑEZ, J. Autopercepción intelectual de un proceso histórico: Autobiografía (Los años de aprendizaje de Jesús Ibáñez). **Anthropos**, n. 113, p. 9-30, 1990.
- IBÁÑEZ, J. (Ed.). **Las ciencias sociales en España: historia inmediata, crítica y perspectivas**. Madrid: Universidad Complutense, 1992.
- IBÁÑEZ, J. **A contracorriente**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1997.
- IÑIGUEZ, L. **De discursos, estructuras y análisis: ¿qué practicas?, ¿en qué contextos?** Small Group Meeting: Critical Social Psychology, Barcelona, Abr. 1993.
- IÑIGUEZ, L.; ANTAKI, C. El análisis del discurso en psicología social. **Boletín de Psicología**, 44:57-75, 1994.
- LACOMBE, B. M. B.; TONELLI, M. J. O discurso e a prática: o que nos dizem os especialistas e o que nos mostram as práticas das empresas sobre os modelos de gestão de Recursos Humanos. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 157-174, Abr./Jun. 2001.

- LECKIE-TARRY, H. **Language & context**. A functional linguistic theory of register. Edited by David Birch. London: Pinten, 1995.
- LEONETTI, M. El artículo definido y la construcción del contexto. **Signo y Seña**, n. 5, p. 101-138, 1996.
- MAINGUENAU, D. **Initiation aux méthodes de l'analyse du discours: problèmes et perspectives**. Paris: Hachette, 1976.
- MISOCZKY, M. C. Análise crítica do discurso: uma apresentação. **Revista Gestão.Org**, v. 3, n. 2, p. 125-140, Maio/Ago. 2005.
- MURTA, I. B.; SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. Práticas discursivas na construção de uma gastronomia polifônica. **Revista de Administração Mackenzie - RAM**, v. 11, p. 38-64, 2010.
- ORTÍ, A. En el margen del centro: la formación de la perspectiva sociológica crítica de la generalización de 1956. In: ORTÍ, A. (Coord.) Presente y futuro de la sociología en España. **Revista Española de Sociología**, n. 1 Septiembre 2001.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- PEINADO, A. La investigación cualitativa en españa: de la vida política al maltrato del sentido. **Revista Española de Salud Pública**, n. 76, p. 381-393, 2002.
- POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RECIO, F. Análisis del discurso y teoría psicanalítica. In: DELGADO, J. M. y GUTIÉRREZ, J. (coords.) **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, p. 225-240, 1994.
- RICOEUR, P. **Acte d'investitura de doctor honoris causa al professor Dr. Paul Ricoeur**. Barcelona: Universitat Ramon Llull, 2001.
- RUIZ RUIZ, J. Análisis sociológico del discurso: métodos y lógicas. Forum Qualitative Sozialforschung/Forum. **Qualitative Social Research**, v. 10, n. 2, art.26, 2009.
- SARAIVA, L. A. S.; BAPTISTA, R. del G. S. Comunicação e ideologia na empresa: análise de discursos em uma organização do setor siderúrgico. **Revista Gestão Organizacional**, v. 2, n. 1, Jan./Jun., 2009.
- SERRANO, A. Manifestaciones étnicas y cívico-territoriales de los nacionalismos. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 82, p.97-125, 1998.
- SERRANO, A. **Identidades étnicas versus identidades cívico-territoriales como tipos ideales de identidad nacional: discursos, actitudes y bases sociales**. Madrid: UCM, 2001.
- SERRANO, A. El análisis de materiales visuales en la investigación social: el caso de la publicidad. In: GORDO, A.; SERRANO, A. (eds.). **Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social**. Madrid: Pearson Prentice Hall, p. 245–264, 2008.
- SRHIR, A. M. La traducción de textos informativos del castellano al árabe: una propuesta de análisis sociolingüístico. **Interlinüística**, n.17, p.778-787, 2007.
- VALLES, M. S. **Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional**. Madrid: Síntesis, 1997.
- VALLES, M. S.; BAER, A. Investigación social cualitativa en España: presente, pasado y futuro. Un retrato. Forum Qualitative Sozialforschung/Forum. **Qualitative Social Research**, v. 6, n. 3, art. 18, 2005.
- VAN DIJK, T. A. The study of discourse. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.) **Discourse as structure and process**. London: Sage, v. 1, p. 1-34, 1998.
- VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2004.